

Anahp

AO VIVO



Jornadas Digitais

E-book Inovação e Tecnologia



COLEÇÃO
ANAHP DE
E-BOOKS

Abril 2023

Realização:



ABCIS
Associação Brasileira CIO Saúde



anahp



Saúde Digital Brasil

Introdução



Inovação em saúde exige estratégia para entregar valor

Especialistas alertam que a incorporação de tecnologia deve estar associada à solução de necessidades reais das instituições e dos pacientes

Em abril, o projeto Anahp Ao Vivo – Jornadas Digitais abordou o tema **Inovação e Tecnologia** em uma série de encontros promovidos pela Anahp em parceria com a Associação Brasileira CIO Saúde (ABCIS) e a Saúde Digital Brasil (SDB).

A principal conclusão dos quatro webinars, que contaram com a presença de 16 especialistas, foi que a transformação digital exige planejamento para garantir entrega de valor real aos pacientes, profissionais e à operação. “Muitas vezes não existe clareza sobre a necessidade e as soluções acabam ficando desconectadas”, avaliou Evelyn Tiburzio, diretora técnica da Anahp, que moderou o debate sobre Inteligência Artificial.

Discutindo a evolução dos dispositivos e *softwares* médicos, Eduardo Cordioli, diretor médico de Obstetrícia do Grupo Santa Joana, conselheiro da Saúde Digital Brasil (SDB) e *head* de Inovação da Docway, resumiu que “o papel da tecnologia é resolver problemas”. E Paulo Lopes, especialista em Saúde Digital na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), secretário geral da Sociedade Brasileira de Informática em Saúde (SBIS) e conselheiro suplente da Comunidade Científica e Tecnológica do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), completou que é indispensável “assegurar que a inovação vai transformar o processo de maneira segura”.

Entre as várias tecnologias abordadas na série, a telessaúde foi apontada como um exemplo de sucesso. Giovanni Cerri, presidente do Núcleo de Inovação Tecnológica do HCFMUSP, destacou que o modelo evoluiu rapidamente para uma ferramenta capaz de combater efetivamente diversos gargalos do sistema. “E ainda se provou como a primeira incorporação de tecnologia que não está associada ao aumento de custos. Pelo contrário, promove a economia”, avaliou.

Como em todas os debates sobre inovação em saúde, a jornada de abril trouxe o compartilhamento de dados para o centro da conversa. “Nós temos uma dificuldade crônica para dar o primeiro passo para a interoperabilidade”, lamentou Vitor Ferreira, presidente da ABCIS e coordenador do Grupo de Trabalho (GT) Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp. Daennye Oliveira, diretora do Prontuário Eletrônico da MV, opinou que as empresas precisam entender a importância e “querer a interoperabilidade”, mas admitiu ser pessimista em relação a isso. “Acho que vai precisar ser obrigatório, com regulamentação”, avaliou.

Ferreira lembrou que as enormes complexidades da área da saúde oferecem muitas justificativas para o setor ficar parado. “Sempre vão existir motivos para não fazer. Mas, na minha opinião, precisamos olhar mais para as razões que nos recomendam fazer logo”. E Cordioli finalizou lembrando que, mesmo com as dificuldades, o Brasil já tem, por exemplo, a maior experiência de teleespecialidades do mundo. “Estamos avançando rápido e temos capacidade para ir bem longe”, finalizou.

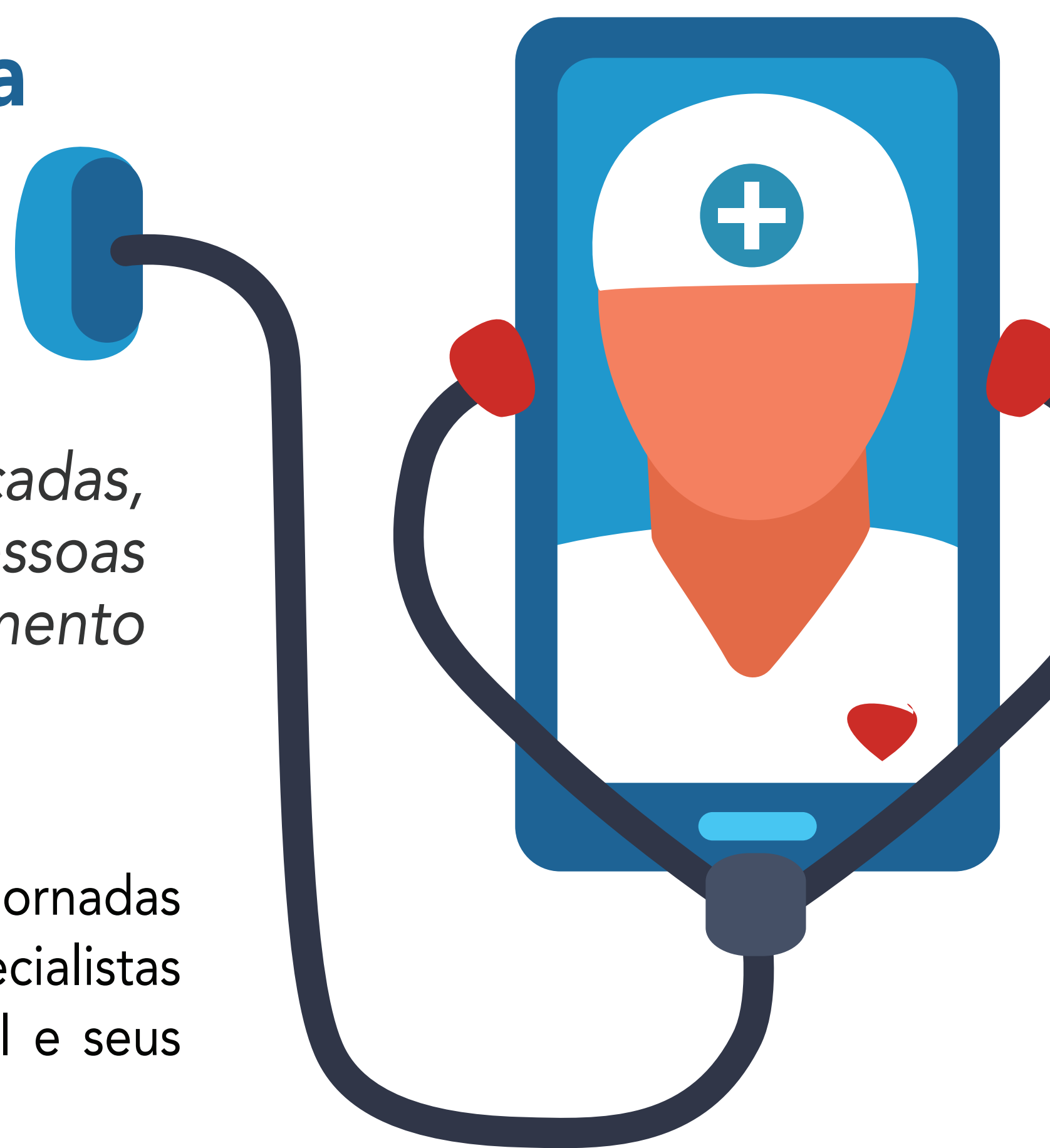
O projeto “Anahp Ao Vivo – Jornadas Digitais” é uma série de eventos on-line, temáticos e gratuitos, que reúne especialistas para debates relevantes. Veja a seguir um resumo dos encontros de abril e fique atento para os próximos eventos.

Telessaúde agora enfrenta o desafio de melhorar a experiência dos usuários

Com tecnologia e regulação avançadas, modelo volta a atenção para as pessoas buscando usabilidade e o desenvolvimento de competências digitais

Na primeira edição do Anahp Ao Vivo – Jornadas Digitais de abril, realizada no dia 06, os especialistas discutiram o avanço da telessaúde no Brasil e seus impactos no sistema de saúde.

Um consenso entre os participantes foi que o modelo, impulsionado pela pandemia, está amadurecendo rapidamente. “Estamos vendo a expansão e a consolidação da telessaúde com melhoria do desfecho clínico”, afirmou o presidente do Conselho da SDB, Caio Soares.



Giovanni Cerri, presidente do Núcleo de Inovação Tecnológica do HCFMUSP, destacou que o modelo evoluiu rapidamente da teleconsulta para uma ferramenta capaz de combater diversos gargalos do sistema, como controlar a frequência dos atendimentos no pronto-socorro, melhorar o monitoramento de pacientes crônicos e operação de equipamentos à distância, como no caso da Radiologia. “A telessaúde é a primeira incorporação de tecnologia que não está associada ao aumento de custos. Pelo contrário, ela promove a economia”, avaliou.

Carlos Pedrotti, gerente médico no Hospital Israelita Albert Einstein, ressaltou também o volume extraordinário de dados gerados pela ferramenta. “Tudo isso oferece um potencial enorme para aumentar a capacidade de análises, seja de qualidade, de aplicação dos recursos ou de construção de políticas públicas, mas ainda precisamos aprimorar a gestão dessa abundância de informações”, pontuou.

“Estamos vendo a expansão e a consolidação da telessaúde com melhoria do desfecho clínico.”

Caio Soares, presidente do Conselho da SDB

Donizete Giamberardino, vice-presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM), acrescentou que a evolução do modelo também ocorreu na percepção dos médicos. “Muitos profissionais que eram contra, após dois anos de pandemia, estavam usando e pedindo uma regulamentação para facilitar o dia a dia”, contou. Cerri complementou citando os resultados de um projeto do HCFMUSP em conjunto com o governo britânico em que “o NPS dos pacientes é altíssimo, melhor do que o atendimento presencial”. E Pedrotti resumiu que “quem usa aprova”.

“A telessaúde é a primeira incorporação de tecnologia que não está associada ao aumento de custos. Pelo contrário, ela promove a economia.”

Giovanni Cerri, presidente do Núcleo de Inovação Tecnológica do HCFMUSP

Ainda assim, o desafio atual é melhorar a experiência dos usuários, tanto para os pacientes como para os profissionais de saúde. Pedrotti contou que após testar diversas ferramentas disponíveis no mundo, a conclusão é que é mais difícil utilizar as plataformas de telessaúde do que fazer compras on-line, que exigem cadastro, registro de cartão de crédito e pagamentos. “Precisamos criar interfaces e processos mais simples e intuitivos”, recomendou.



Para o gerente médico, até hoje o desenvolvimento da telessaúde esteve mais focado na tecnologia do que na usabilidade e, por isso, o ganho de escala provocou um déficit de competências digitais nas organizações, que agora buscam integrar profissionais que ainda consideram um estorvo tudo o que está relacionado à tecnologia. “Sempre que se chega a esse ponto, alguém sugere fazer um manual e eu pergunto se foi necessário manual para aprendermos a usar o WhatsApp”, comparou.

“Precisamos criar interfaces e processos mais simples e intuitivos.”

Carlos Pedrotti, gerente médico no Hospital Israelita Albert Einstein

Nesse sentido, Giamberardino avaliou que a revisão no ensino está no centro da questão. “Temos que alinhar a matriz curricular aos recursos tecnológicos que temos à disposição e capacitar dentro da universidade”, declarou. E Cerri acrescentou que a telessaúde também pode ser uma aliada nesse objetivo, funcionando como ferramenta facilitadora para compartilhar conhecimento.



“Temos que alinhar a matriz curricular aos recursos tecnológicos que temos à disposição e capacitar dentro da universidade.”

Donizete Giamberardino, vice-presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM)

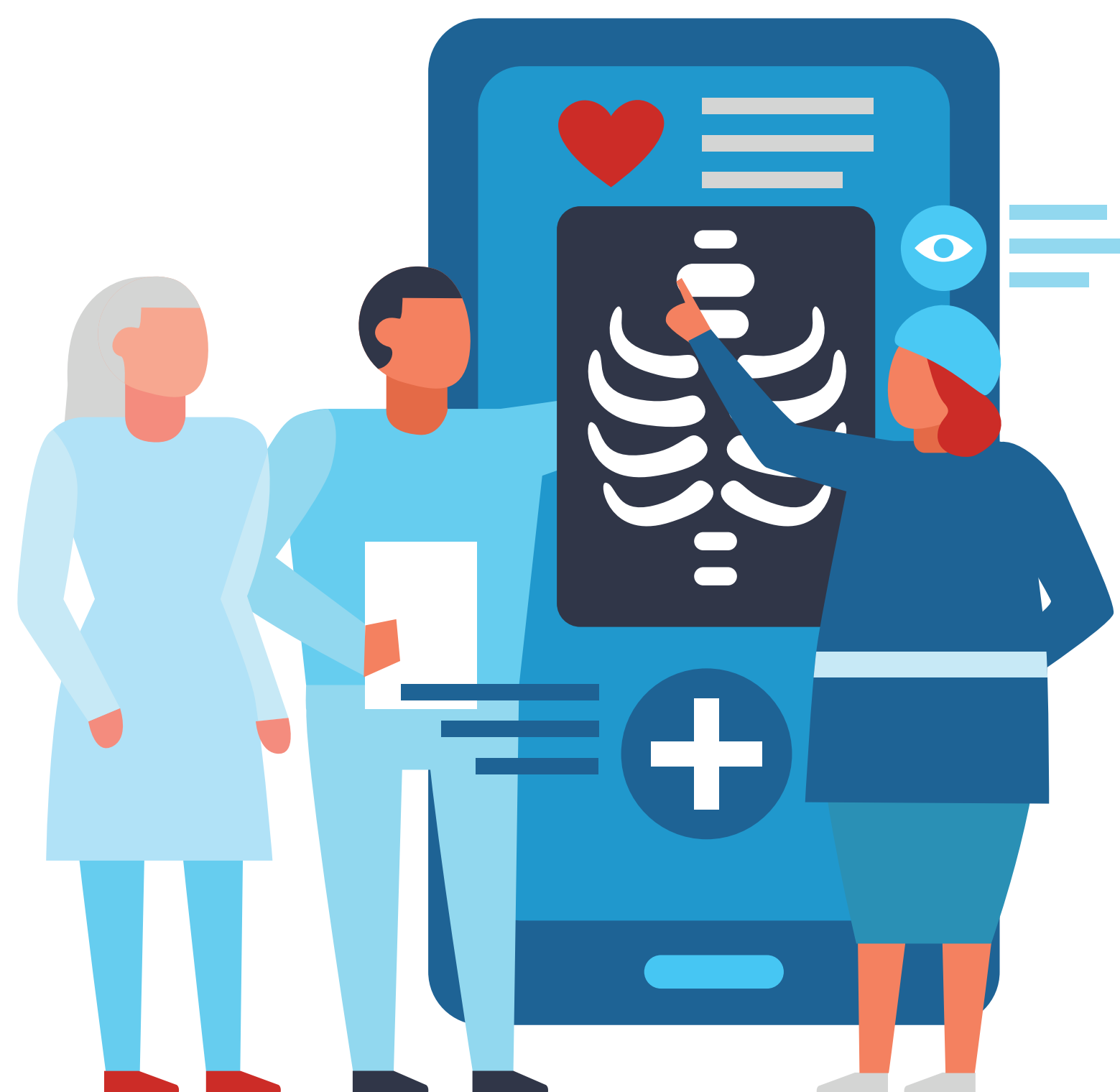
“Um dos maiores problemas que enfrentamos na saúde brasileira é a desigualdade na formação profissional. Vimos na pandemia uma variação de mortalidade nas UTIs de até quatro vezes relacionada ao preparo das equipes. E a telessaúde pode combater isso, permitindo que o ensino de qualidade chegue a todos os cantos país”, finalizou.

[Clique aqui](#) e confira os melhores momentos do debate



Prontuário eletrônico provoca revolução heterogênea na saúde

Resultados dependem do grau de maturidade das instituições e benefícios para o sistema esbarram em dificuldades de acesso e falta de interoperabilidade



No dia 13 de abril, os convidados do Anahp Ao Vivo – Jornadas Digitais sobre Inovação e Tecnologia debateram como o prontuário eletrônico tem revolucionado a saúde no Brasil.

De acordo com os especialistas, é possível afirmar que o prontuário eletrônico está efetivamente revolucionando a assistência, mas ainda existem dificuldades a serem enfrentadas e muito potencial para ser desenvolvido. “A forma como passamos a coletar as informações é um avanço enorme, mas a diferença entre o grau de maturidade das organizações continua sendo um desafio”, avaliou Alex Julian, Chief Transformation Officer na Kora Saúde.

Eli Szwarc, líder de Informatics Latam na Philips, concordou que os efeitos estão surgindo de maneira heterogênea. “A transformação é mais significativa para um grupo do que para o outro”, disse. E acrescentou que a ferramenta não entrega os mesmos resultados para todos, pois isso depende de estratégias, processos e estrutura integrados ao prontuário.

“A forma como passamos a coletar as informações é um avanço enorme, mas a diferença entre o grau de maturidade das organizações continua sendo um desafio.”

Alex Julian, Chief Transformation Officer na Kora Saúde

Julian seguiu nessa linha observando que “as evoluções das ferramentas são notáveis, mas é preciso ter disponibilidade, confiabilidade e processos que ofereçam os resultados esperados”. Daennye Oliveira, diretora do Prontuário Eletrônico na MV, arrematou que “não adianta apenas ter a ferramenta, é preciso avaliar como ela está sendo utilizada”.

Vitor Ferreira, presidente da ABCIS, coordenador do GT Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp e gerente de TI do Hospital Moinhos de Vento, complementou que, considerando as desigualdades de um país continental como o Brasil, também é preciso discutir como tornar a ferramenta mais acessível. Oliveira trouxe a ideia de oferecer ferramentas menos elaboradas e mais baratas, de acordo com as necessidades de organizações menores.

“O prontuário eletrônico deve ser visto apenas como a porta de entrada para uma grande transformação digital.”

Eli Szwarc, líder de Informatics Latam na Philips

Por outro lado, acrescentou Ferreira, expandir o acesso não vai adiantar muito sem estabelecer, de fato, a interoperabilidade. “E nós temos uma dificuldade crônica para dar o primeiro passo para a interoperabilidade”, lamentou. Oliveira ressaltou que as empresas precisam entender a importância e “querer a interoperabilidade”, mas admitiu ter um olhar pessimista sobre isso. “Acho que vai precisar ser obrigatório, com regulamentação”, avaliou.

“Sempre vão existir motivos para não fazer. Mas precisamos olhar mais para as razões que nos recomendam ir em frente.”

Vitor Ferreira, presidente da ABCIS, coordenador do GT Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp e gerente de TI do Hospital Moinhos de Vento

Julian afirmou que o que vai determinar a interoperabilidade é a perspectiva de retorno econômico. “É preciso um *business case* que demonstre o impacto no negócio, como foi feito no setor financeiro”. No mais, continuou, a saúde não deve esperar um cenário perfeito para dar o primeiro passo. “Devemos ir em frente com o que temos, como fizemos com a telemedicina. Vamos avançando e ajustando o que não funcionar”, completou.

Para finalizar, Ferreira lembrou que as enormes complexidades do setor de saúde sempre oferecem justificativas para o setor ficar parado. “Sempre vão existir motivos para não fazer. Mas, na minha opinião, precisamos olhar mais para as razões que nos recomendam ir em frente”.

[Clique aqui](#) e confira os melhores momentos do debate



Eficiência da Inteligência Artificial em saúde depende da aplicabilidade

Instituições devem se convencer do valor do investimento e regulamentação pode contribuir para superar desafios éticos e operacionais

No dia 20 de abril, os convidados do Anahp Ao Vivo – Jornadas Digitais sobre Inovação e Tecnologia discutiram o tema Inteligência Artificial aplicada à saúde: estamos preparados para o que está surgindo?

“Muitas vezes não existe clareza sobre a necessidade e as soluções acabam ficando desconectadas do resto da operação.”

Evelyn Tiburzio, diretora técnica da Anahp

Os especialistas destacaram que a IA já está sendo empregada em diferentes níveis na saúde e que, ainda assim, o potencial continua sendo enorme. Alex Vieira, coordenador do GT Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp e superintendente de TI do Hcor, contou que a sua instituição utiliza o recurso em diversas frentes. “No apoio em decisões clínicas, administrativas e na redução de tempo dos profissionais, além de achados críticos em exames de imagens e testes de sistemas automatizados. E, ainda assim, considero tudo embrionário”, relatou.

De acordo com os convidados, o processo está em fase de maturação e, neste momento, é fundamental compreender que os bons resultados dependem de planejamento para garantir a aplicabilidade e a geração de valor. “Muitas vezes não existe clareza sobre a necessidade e as soluções acabam ficando desconectadas do resto da operação”, exemplificou Evelyn Tiburzio, diretora técnica da Anahp.

Priscila Cruzatti, Healthcare e Life Science Industry Specialist no Google Cloud, reforçou que os projetos devem ser bem desenhados. “É necessário ter muito evidente qual o problema queremos resolver e aonde queremos chegar, e ter mecanismos para medir os resultados”, explicou. Inclusive, lembrou, em vários casos nem é recomendado utilizar a tecnologia. “A IA não é uma panaceia que resolve tudo. E, principalmente, não tem a função de substituir os profissionais de saúde”, afirmou.

João Pereira, Technology-based Innovation Specialist para FSI Brazil e Hispanic Latam na Microsoft, colocou que o foco da IA deve ser as tarefas rotineiras com o propósito de apoiar as equipes na qualificação dos serviços. “O objetivo nunca foi desempregar ninguém”, esclareceu. Vieira resumiu que a tecnologia deve contribuir para que os profissionais sejam mais eficientes e “tenham mais tempo para cuidar dos pacientes”.

“É necessário ter muito evidente qual o problema queremos resolver e aonde queremos chegar, e ter mecanismos para medir os resultados.”

Priscila Cruzatti, Healthcare e Life Science Industry Specialist no Google Cloud

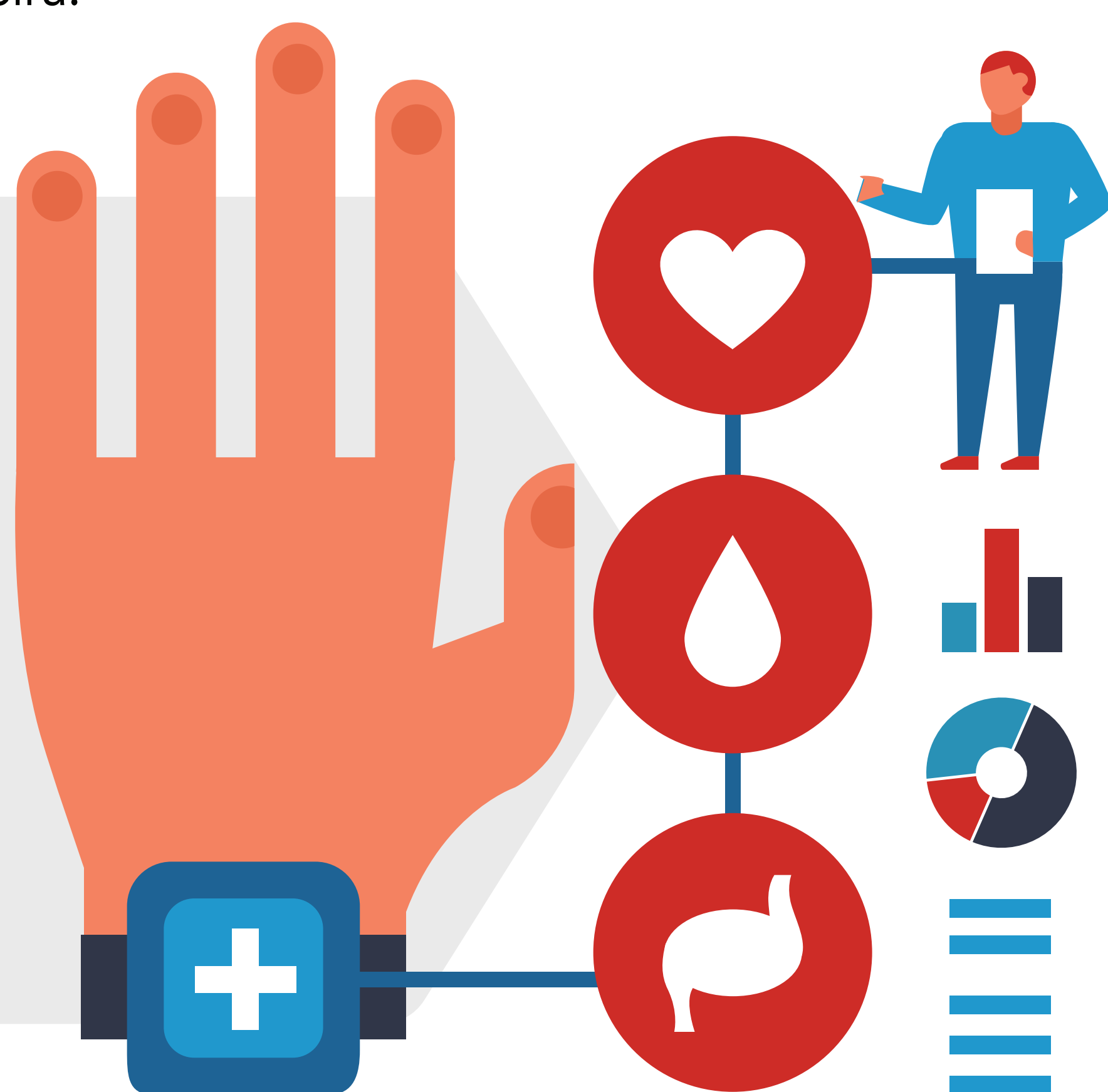


Cruzatti lembrou que, antes de tudo, é preciso falar sobre os dados. “Se não tem dados, não tem IA”, defendeu. Vieira concordou que ainda há dificuldades para a captação da informação. E, nesse sentido, Pereira citou a necessidade de ter protocolos e ferramentas funcionais, sobretudo para facilitar o consentimento dos pacientes. “Interoperabilidade é consentimento”, ressaltou já entrando em uma etapa seguinte.

Segundo os especialistas, o compartilhamento dos dados multiplica exponencialmente as possibilidades da IA, porém, admitem, esse cenário ainda está longe da realidade brasileira. “Interoperabilidade sem regulamentação é muito desafiador”, afirmou Cruzatti. Para a especialista do Google Cloud, existem questões éticas e operacionais praticamente insuperáveis sem regras e uma agência orientando o desenvolvimento da tecnologia no setor de saúde. No sistema financeiro, o responsável por assumir este papel foi o Banco Central, completou Pereira.

“Atravessamos um momento muito promissor e temos que criar as condições para dar maturidade a esse processo.”

Alex Vieira, coordenador do GT Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp e superintendente de TI do Hcor



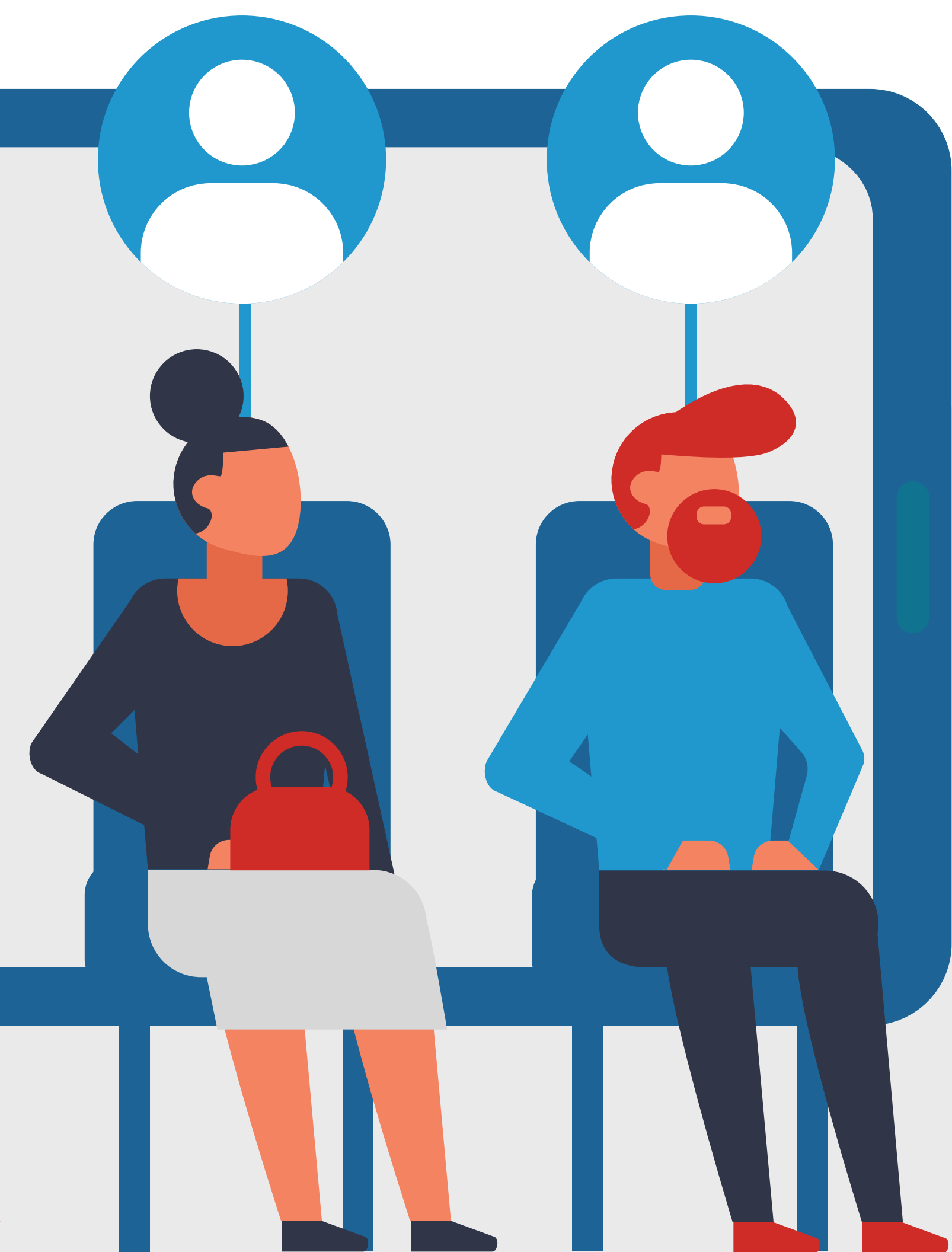
Vieira reforçou que muitas instituições têm pouca verba e tempo para passar por períodos de experimentação de novas tecnologias, mas que, ainda assim, é preciso convencer as lideranças sobre o valor do investimento em inovação. “Atravessamos um momento muito promissor e temos que criar as condições para dar maturidade a esse processo”, finalizou.

[Clique aqui](#) e confira os melhores momentos do debate



Para transformar, inovação em saúde precisa de estratégia

Avanço da tecnologia está entrando na fase exponencial e a liderança do setor tem o desafio de garantir que o movimento traga soluções e cumpra o seu propósito



O último webinar do Anahp Ao Vivo – Jornadas Digitais de abril, realizado no dia 27, trouxe como tema o impacto dos dispositivos e dos softwares médicos para o setor de saúde.

“Existe potencial para levar a saúde digital para todo o Brasil.”

Eduardo Cordioli, diretor médico de Obstetrícia do Grupo Santa Joana, conselheiro da SDB e *head* de Inovação da Docway

Felipe Cabral, coordenador do GT Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp e gerente médico de Saúde Digital do Hospital Moinhos de Vento, moderou o debate e, de início, destacou que o avanço da tecnologia na saúde tem sido exponencial, com *softwares* e dispositivos cada vez mais sofisticados. Para ele, “nos próximos anos, vamos presenciar uma transformação que o mundo nunca viu”, principalmente por causa da incorporação da inteligência artificial.

Chao Lung Wen, chefe da disciplina de Telemedicina da FMUSP e presidente da Associação e Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde (ABTms/CBTms), previu que, em 2026, muito do que é visto atualmente como futurista já será empregado no dia a dia da assistência.

Eduardo Cordioli, diretor médico de Obstetrícia do Grupo Santa Joana, conselheiro da Saúde Digital Brasil (SDB) e *head* de Inovação da Docway, lembrou que, atualmente, 90% dos domicílios brasileiros têm estrutura para se conectar à internet e disse que os *gadgets* podem ser um “avatar” do médico monitorando a saúde dos pacientes o tempo todo. “Existe potencial para levar a saúde digital para todo o Brasil”, declarou.

“Não temos infraestrutura para aplicar tudo isso ao sistema de maneira uniforme.”

Paulo Lopes, especialista em Saúde Digital na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), secretário geral da Sociedade Brasileira de Informática em Saúde (SBIS) e conselheiro suplente da Comunidade Científica e Tecnológica do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)

Chao pontuou, no entanto, que a inovação precisa trazer benefício para ser exponencial. “Tem que estar agregada a uma estratégia e ser feita de modo responsável e estruturante”, ressaltou. E Cordioli resumiu que o papel da tecnologia é solucionar problemas. “O grande segredo é determinar a necessidade e focar no que é necessário resolver. Sem isso, o mais provável é desenvolver uma decepção”, afirmou.

Paulo Lopes, especialista em Saúde Digital na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), secretário geral da Sociedade Brasileira de Informática em Saúde (SBIS) e conselheiro suplente da Comunidade Científica e Tecnológica do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), completou dizendo que é indispensável garantir a segurança nesse processo de transformação pela tecnologia.

Além disso, destacou Chao, os dispositivos e *gadgets* devem estar integrados a um contexto. “Um relógio que detecta arritmia sem considerar as circunstâncias pode causar mais confusão e nervosismo do que solução”, exemplificou. Para ele, as ferramentas servem para informar e despertar um pensamento a ser concluído pelos profissionais de saúde. “Tecnologia não assume responsabilidades”, ensinou.

Lopes acrescentou que a transformação digital também está oferecendo uma nova perspectiva sobre a saúde. “Além de oferecer meios para fazer melhor o que já fazíamos, dá a oportunidade de criar novos modelos assistenciais”, explicou. E, nesse sentido, fez a ressalva de que é necessário cuidar para que esse mar de possibilidades não provoque um aumento da desigualdade assistencial já observada no país. “Não temos infraestrutura para aplicar tudo isso ao sistema de maneira uniforme”, avaliou.



“Tecnologia não assume responsabilidades.”

Chao Lung Wen, chefe da disciplina de Telemedicina da FMUSP e presidente da Associação e Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde (ABTms/CBTms)

Cordioli concordou, mas lembrou que, mesmo com as dificuldades, o Brasil já tem a maior experiência de teleespecialidades do mundo. “Estamos avançando rápido e temos capacidade para ir bem longe”, garantiu. E Chao destacou a necessidade de uma estratégia de expansão levando em conta as particularidades do SUS e da saúde suplementar. “Assim, vamos permitir que a inovação cumpra o seu propósito, de transformar a assistência em saúde”, finalizou.

[Clique aqui](#) e assista aos melhores momentos do debate



Quer saber mais sobre os eventos da Anahp?
Fique de olho em nosso site e não perca nada!

[Acesse aqui](#)

Realização:

